



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**AS QUESTÕES RACIAIS REPRESENTADAS EM “O MULATO” DE
ALUÍSIO AZEVEDO**

FRANCIEIDE MARIA DA SILVA

Catolé do Rocha – PB

2014

FRANCIEIDE MARIA DA SILVA

**AS QUESTÕES RACIAIS REPRESENTADAS EM “O MULATO” DE
ALUÍSIO AZEVEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

Catolé do Rocha – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586q Silva, Francieide Maria da
As questões raciais representadas em "O Mulato" de Aluizio Azevedo [manuscrito] : / Francieide Maria da Silva. - 2014.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Ma Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras
e Humanidades".

1.Sociedade 2. Preconceito Racial 3. Romance I. Título.

21. ed. CDD 305.8

FRANCIEIDE MARIA DA SILVA

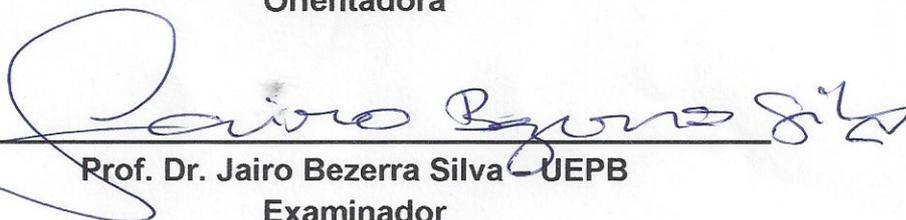
**AS QUESTÕES RACIAIS REPRESENTADAS EM “O MULATO” DE
ALUÍSIO AZEVEDO**

Aprovado em 23 de julho de 2014

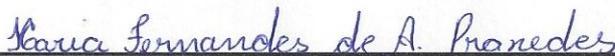
Banca examinadora



Profa. Ma. Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva – UEPB
Examinador



Profa. Ma. Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes – UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela força espiritual e discernimento para superar as dificuldades enfrentadas ao longo de mais uma etapa da minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, **Maria Emília da Silva e Belarmino Caetano da Silva**, pelo esforço e determinação, para conclusão do curso, além do apoio nas horas mais difíceis, nos momentos de desânimos, durante esse processo. Aos meus irmãos, pessoas importantes, aos quais agradeço o incentivo e a confiança.

A minha orientadora, **Profa. Marta Lúcia Nunes**, pela orientação e a confiança em mim depositada.

Aos meus colegas de curso, por todos os momentos que enfrentamos juntos, em especial as colegas e amigas, **Gesiana, Paula e Laura**, pela compreensão, paciência e acima de tudo o companheirismo durante essa jornada.

Aos professores do curso de Letras, da UEPB, pela contribuição ao longo do processo de formação acadêmica.

A todos os amigos, pela amizade, incentivo e apoio para enfrentar os obstáculos.

Por fim, agradeço a todos, que de alguma forma, contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

Enquanto a cor da pele for mais importante que
o brilho dos olhos, haverá guerra.

Bob Marley

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar a representação das questões raciais no romance “O Mulato” de Aluísio Azevedo. Obra considerada polêmica na época em que foi publicada, tanto pelo enfoque naturalista, quanto por abordar a questão do preconceito em plena campanha abolicionista no século XIX. O romance “O Mulato”, relata a estória de amor não concretizada, entre os personagens Raimundo e Ana Rosa, no qual o autor ressalta como um dos aspectos principais, o preconceito racial, além de demonstrar severas críticas à sociedade maranhense, que para Azevedo, era fortemente racista. Esta investigação ressalta como a sociedade maranhense lidava com o preconceito racial, analisando os discursos racistas proferidos pela maioria dos personagens, com exceção de Casusa, cujo discurso difere dos demais. O trabalho foi realizado com base em um aporte metodológico à luz das concepções de: Nogueira (2002), Santos (1984), Pereira (1973), Mérian (1988), Coutinho (2001), Sant’ana (2005), dentre outros. Com a realização da pesquisa, constatou-se o quanto a obra objeto de análise é representativa enquanto elemento de denúncia do preconceito racial.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade. Preconceito Racial. Romance.

ABSTRACT

The main objective of this work is to examine the representation of racial issues in the novel "O Mulato" of Aluisio Azevedo. Novel considered controversial at the time it was published, both by naturalistic, approach and by addressing the issue of prejudice in full abolitionist campaign in the nineteenth century. The novel "O Mulato", tells the story of unrealized love between the characters Raimundo and Ana Rosa, in which he highlighted as one of the main aspects of racial prejudice, besides demonstrating severe criticisms of Maranhão society, which was to Azevedo, strongly racist. This research underscores how the company handled the Maranhão racial prejudice, analyzing racist discourses by most characters, except for Casusa whose discourse differs from the others. The study was based on a methodological approach, the light of conceptions: Nogueira (2002), Santos (1984), Pereira (1973), Mérian (1988), Coutinho (2001), Sant'ana (2005), among others. With the research, it was found how the work object of analysis is representative as an element of denunciation of racial prejudice.

Keywords: Society. Racial Prejudice. Romance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A LITERATURA E AS QUESTÕES RACIAIS NO SÉCULO XIX.....	10
1.1 O Preconceito Racial na Sociedade Oitocentista.....	10
1.2 A Literatura e a Denúncia do Preconceito Racial.....	12
2 ALUÍSIO AZEVEDO E O DISCURSO RACIAL EM “O MULATO”	15
2.1 Aluísio Azevedo: O Romancista Social.....	15
2.2 O Preconceito Racial na Obra “O Mulato”	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

O romance “O Mulato”, publicado em 1881, pelo escritor Aluísio Azevedo, é considerado o marco inicial do Naturalismo no Brasil. A referida obra, foi bem recebida pela crítica e pelo público, especialmente, no Rio de Janeiro, mas no Maranhão, terra natal do escritor, foi alvo de muitas críticas.

Marcada por um contexto de domínio religioso e pelo fim da escravatura, a obra “O Mulato”, narra a estória de Raimundo, filho do português José da Silva e da escrava Domingas. Raimundo, ainda criança foi estudar em Lisboa, tornando-se advogado, mas sempre conservou o desejo de voltar ao Brasil para descobrir suas origens. Chegando ao Brasil, na casa do tio Manuel Pescada, Raimundo conhece a prima Ana Rosa; se apaixonam, mas são impedidos de concretizar esse amor, pois o pai de Ana Rosa, assim como a sociedade maranhense, tinha muito preconceito racial e, dessa forma, não aceitava o casamento, pelo fato de Raimundo ser mulato.

Este estudo tem, portanto, o objetivo de analisar a representação das questões raciais no romance “O Mulato”, analisando os vários discursos racistas produzidos pelos personagens do romance supracitado, nos quais, são representadas as vozes da sociedade maranhense.

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes teóricas, na primeira parte intitulada, “A literatura e as questões raciais no século XIX” discute o preconceito racial existente na sociedade deste século, além de discutir a literatura, como instrumento de denúncia do preconceito racial.

A segunda parte intitulada “Aluísio Azevedo e o discurso racial em O Mulato” aborda a contribuição literária do romancista, Aluísio Azevedo, além de analisar a representação das questões raciais no romance objeto de estudo, o qual percebe a existência de discursos racistas e antirracista.

Portanto, a contribuição deste trabalho é no sentido de ampliar as discussões sobre as questões raciais que a sociedade maranhense enfrentou no século XIX, bem como fornecer subsídios que possam auxiliar em novos estudos acadêmicos sobre o tema.

1 A LITERATURA E AS QUESTÕES RACIAIS NO SÉCULO XIX

1.1 O Preconceito Racial na Sociedade Oitocentista

O século XIX foi marcado em seu momento sócio-histórico pelas transformações advindas da literatura, com o objetivo de alavancar e estimular o debate público, sobre as questões raciais da época.

Neste período existiram diversas mudanças no que concerne ao âmbito político, econômico e social, mudanças essas acontecidas no Brasil e no mundo, que proporcionaram a transformação da sociedade oitocentista. Nesta época, ocorreu a revolução industrial e simultaneamente grande mudanças na sociedade do século XIX. Vale ressaltar, um aumento significativo da população urbana, devido o êxodo rural, em busca de trabalho nas fábricas, com isso, a vida do proletariado era difícil, jornadas de trabalho longas e mal pagas, pouca alimentação e moradias sem condições de habitação.

Nesta época, o Brasil estava no auge da abolição da escravatura, colocando fim ao trabalho escravo, em decorrência desse momento histórico, chegavam os imigrantes para suprir a mão de obra escrava. Com a vinda dos negros para o Brasil, houve um aumento considerado do trabalho nas fazendas dos senhores de engenho, ou seja, os negros eram trazidos para realizar o trabalho braçal nos cafezais.

Entre esses aspectos ocorridos no século XIX, destaca-se de forma bem acentuada o racismo no Brasil, com o passar dos séculos tornou-se um instrumento capaz de controlar o modo de convivência, as práticas sociais e as relações dos indivíduos, desta forma, consolidou-se na cultura e em consequência no comportamento das pessoas, bem como nas organizações sociais. (NOGUEIRA, 2002).

O racismo de certo modo, é uma ideia detentora do pensamento de superioridade de uma raça, em relação às outras, e este ocorre desde o período da colonização do Brasil. Desde a época da escravidão, encontra-se impregnado o pensamento de dominação com relação ao outro. Segundo Santos (1984, p.11) “racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros”.

O racismo pode ser entendido como um fenômeno em todo o universo, pois na luta em defesa de seu território, o homem se coloca contra a invasão de indivíduos pertencentes à outra raça. Desta forma, não é uma ação involuntária, as pessoas que utilizam este comportamento, apresenta como justificativa, como sendo uma exigência da sociedade. Ao longo dos anos o racismo foi sendo difundido na sociedade, nas mais diversas culturas e passado para gerações vindouras, permanecendo assim no pensamento dos indivíduos.

Para tanto, Nogueira (2002) afirma que este fenômeno acontece devido a uma ideologia, que acredita ser detentora de poderes, capaz de impor características, seja real ou imaginária, a um determinado grupo social.

No Brasil, por muito tempo, a raça negra foi desvalorizada, os negros eram tratados como mercadoria de compra e venda, eram escravos para servirem os senhores brancos, devido essa condição muitos negavam sua raça. Deste modo, Freyre (2006, p.404) ressalta que “o negro foi patogênico, mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outros”, sendo assim, os negros sofrem diariamente com brincadeiras e palavras desagradáveis, sobre a cor da sua pele, olhares de desprezo e desaprovação, não tem como negar, que essas atitudes e comportamentos mesmo desprezíveis perduram até os dias atuais.

Para entender as atitudes ocorridas com a população negra, faz necessário compreender o significado da palavra preconceito, para tanto Ferreira (1986, p. 298), explica; Preconceito vem do latim *praeconceptu*, (...) o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem levar em conta o fato que os conteste, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões etc (...).

Desta forma, qualquer julgamento feito que desvalorize moralmente o ser humano, isolando do convívio em sociedade, é considerado atitude preconceituosa. O preconceito racial é histórico, já vem de anos, existe preconceito nos dias atuais, mas essa questão é bastante remota, no Brasil surgiu desde a época da colonização onde os negros eram escravizados. No entanto, com a abolição da escravatura houve certa liberdade dos negros, mas continua impregnado na sociedade o complexo de inferioridade desta raça.

Segundo Sant'ana (2005), antigamente o preconceito tinha por base, alguns fatores como a religião, a língua, a política, atualmente um dos fatores é a diferença de raça, ou seja, o preconceito racial é um dos temas mais debatido e complexo a ser estudado.

Diante desta constatação, vale ressaltar, que a raça negra é apresentada como minoria, quando comparada nas diversas instâncias da sociedade, por não compartilhar a mesma cultura, religião ou até mesmo não partilhar do mesmo ideal, é hostilizada.

Ainda em relação ao preconceito racial presente na sociedade, Vicente (2010, p.17) afirma que “a cor negra da pele de homens e mulheres, assim como sua raça e cultura próprias, foram motivos de crueldade humana e de barbárie que mancharam e continuam manchando a dignidade da humanidade”.

Mediante o que foi abordado, enquanto os indivíduos que compõem os diferentes ambientes e principalmente a sociedade não compreenderem que a questão do preconceito é um desafio prioritário para ser resolvido em seu interior, haverá questionamentos a esse respeito.

1.2 A Literatura e a Denúncia do Preconceito Racial

No tocante as denúncias sociais, são bastante significativas, as contribuições dos escritores brasileiros na Literatura, alguns apresentam em suas obras, traços marcados pelo espírito de denúncia, retratando os sujeitos considerados marginalizados aos olhos da sociedade.

Temos, como exemplo, o escritor Lima Barreto, que no romance “Clara dos Anjos”, retrata os lugares, as casas, as pessoas que moravam na periferia do Rio de Janeiro, na qual era um lugar excluído dos demais pela elite carioca, diante desta realidade Lima Barreto (1990, p.83), ressalta:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.

Percebe-se a denúncia de Lima Barreto em relação ao sistema político, o descaso do governo com a população carente. Lima Barreto está cronologicamente inserido no Pré-Modernismo, possuem uma escrita com estilo simples e fácil entendimento.

Para Ianni (1988, p.6), Lima Barreto, através dos textos, assumiu “a problemática do negro de modo aberto, pleno, em suas dimensões humanas,

sociais, culturais e artísticas”. Proporcionando um novo olhar para os negros no Brasil livre da escravidão.

Vale ressaltar, na obra “Clara dos Anjos”, Lima Barreto utiliza para desabafar, toda repulsa com relação ao preconceito, ou seja, a discriminação de cor, além de relatar sobre o período escravocrata, sendo assim considerada como “A primeira tentativa no gênero de fixar a história da escravidão no Brasil”. Coutinho (2001, p.325).

Jorge Amado, também demonstra em alguns textos, marcas denunciativas, alguns de seus romances são repletos de personagens representativos da sociedade considerada não burguesa. Em “Tenda dos Milagres”, o casal central é formado por um baiano com uma escandinava, a história aborda o pensamento de Pedro Archanjo, a favor da miscigenação e de Nilo Argolo que acreditava que essa mistura levaria a degeneração.

O personagem Nilo Argolo era uma representação de Nina Rodrigues, médico maranhense, defensor do pensamento de que não deveria existir a miscigenação. Em uma das cenas, Jorge Amado utiliza-se da fala do personagem Pedro Archanjo para exteriorizar o quanto era a favor da miscigenação: “Se o Brasil concorreu com alguma coisa válida para o enriquecimento da cultura universal foi com a miscigenação, ela marca nossa presença no acervo do humanismo, é a nossa contribuição para a humanidade”. Amado (2008, p. 126).

Quanto ao escritor Aluísio Azevedo, alguns de seus romances enfatizam os problemas da sociedade, para tanto, parte de suas obras são escritas e direcionadas para exteriorização dessas mazelas sociais. Em “O Cortiço”, o autor faz, com os personagens, referência às classes menos favorecidas da sociedade, assim como, aos lugares onde esses indivíduos residiam.

No romance “O Mulato”, Aluísio Azevedo expõe uma crítica à sociedade brasileira, especificamente a maranhense em meados do século XIX, crítica essa voltada para o preconceito racial existente na época, bem como o domínio da Igreja, visto que a referida instituição exercia uma forte influência nas decisões a serem tomadas pelos moradores da cidade de São Luís. O autor relata com detalhes o cotidiano e os costumes da cidade, bem como, a representação da população através dos personagens idealizados pelo romancista.

São perceptíveis, os questionamentos realizados por Azevedo, no que diz respeito à problemática, pelo qual, a cidade de São Luís, encontrava-se na metade do século XIX, bem como, no âmbito nacional.

2 ALUÍSIO AZEVEDO E O DISCURSO RACIAL EM “O MULATO”

2.1 Aluísio Azevedo: o romancista social

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, nasceu em 14 de abril de (1857-1913), em São Luís do Maranhão, filho de Emília Amália Pinto de Magalhães e Davi Gonçalves de Azevedo. Desenvolveu diversas atividades profissionais, mas nenhuma proporcionou tamanho entusiasmo quanto à arte, nos seus variados segmentos, destacando-se na pintura, exerceu também o ofício de caricaturista e jornalista. Aluísio Azevedo residiu uma temporada no Rio de Janeiro, com a morte do pai, voltou para São Luís, foi neste período seu ingresso nas letras, como escritor literário. Durante o período dedicado à pintura, tinha como pano de fundo, a escravidão e o racismo, demonstrando sua repulsa contra as injustiças sofridas pela sociedade, mantendo-se nesta linha denunciativa, quando se tornou escritor.

O romancista está inserido cronologicamente no Naturalismo, movimento que teve início paralelo ao Realismo no Brasil em meados do século XIX, ambos partilham do mesmo objetivo, a precisão ao descrever o homem, desta forma o Realismo/Naturalismo é, de acordo com Martins e Ledo, um:

[...] movimento que se inicia na segunda metade do século XIX com a retomada do racionalismo e se estende até o início do século XX. Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade. [...] é o reflexo da desilusão do homem frente à sociedade: Miséria das cidades, crise da produção no campo e péssimas condições de vida. É nesse ambiente que os artistas passavam a observar e a externar a verdade possível da realidade, colocando-se contra tradicionalismo romântico e procurando incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo (2001, p.66).

Partindo desta concepção, o período naturalista foi marcado pela tentativa de manifestar a realidade do ser humano concretamente, sendo desta forma uma extensão do realismo, com os mesmos princípios, nos quais se destacam a observação constante do ser humano, as patologias sociais, bem como a objetividade nas narrativas.

Podem-se destacar no Naturalismo algumas correntes filosóficas, cujas concepções os escritores se basearam, para escreverem seus romances, tais como:

O Positivismo de Augusto Conte, o Socialismo Científico de Karl Marx e Friedrich Engels e o Evolucionismo de Charles Darwin.

Para escrever os romances o autor de “O Mulato” recebeu influência do escritor francês naturalista Émile Zola, que em alguns romances, mostra as classes operárias como o foco do texto literário, além de Zola, Aluísio também seguiu os preceitos do escritor português Eça de Queiroz.

No Brasil, no final do século XIX, regido por um regime monárquico e escravocrata, com a economia baseada na agricultura e fervilhando o ideal do fim da escravidão, em meio a todos esses acontecimentos, ocorre o marco inicial do Naturalismo, com a publicação de “O Mulato” de Aluísio Azevedo, com um estilo novo de narrar, para a época, abordando o preconceito racial.

A partir deste momento, os escritores brasileiros começaram a escrever sobre o preconceito racial existente na época, evidenciando a realidade da sociedade e as várias formas de exclusão social vivenciada no final do século XIX, tendo como principal representante Aluísio Azevedo.

Conforme esclarece Pereira (1973, p.142):

O ano de 1881 foi um dos mais significativos e importantes para ficção no Brasil, pois que nele se publicaram as Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis [...], e O Mulato de Aluísio Azevedo. [...] em ambos triunfara a observação [...] começou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolas.

Aluísio Azevedo possui uma produção literária diversificada, alguns de seus romances, foram escritos para os leitores utilizarem de forma prazerosa, apenas para deleite, os romances românticos e outros o escritor, utilizando-se do espírito naturalista, escreveu com cunho denunciativo, enfatizando as mazelas sociais, dentre esses, destacam-se: “O Mulato”, “Casa de Pensão” e “O Cortiço”.

O romancista desenvolveu algumas características estilísticas tais como, o descritivismo exacerbado, ou seja, a forma minuciosa de descrever os cenários onde ocorrem as cenas e outra característica de Aluísio Azevedo nas obras é a predominância das classes sociais, mostrando as mazelas sociais que insidiam de modo mais acentuado nos indivíduos das classes menos favorecidas.

Alguns críticos, tais como Barreto e Laet, discorrem sobre o estilo de escrever de Azevedo, do aspecto denunciador, pelo qual, seus romances são marcados, além do fácil entendimento e fascínio, encontrados nos diálogos dos romances.

Seus romances são páginas de vida e segura observação social, onde se desenham com amplitude e exatidão os costumes do povo, principalmente da camada inferior do meio brasileiro. Aluísio é um impressionista, que nos deixa vigorosos quadros, além da fácil e natural dialogação com que torna atraente e movimentado o enredo de seus romances. (BARRETO E LAET, 1960, *apud* SALES, 1973, p.40-41)

Nos textos de Azevedo os personagens fazem uma representação da classe marginalizada, devido a esta característica marcante, recebeu o título de romancista social, pois para o autor, o importante era revelar os tipos de sujeitos que compunham a sociedade. Sendo um dos primeiros a exteriorizar essa preocupação com a sociedade, o autor deixa transparecer, através do enredo de alguns de seus romances, o quanto era voltado para os questionamentos sociais.

Para Candido e Castelo (1997, p.126):

O certo, contudo, é que ele, verdadeiramente romancista, nos daria, entre o que escreveu quatro ou cinco romances do mais vivo interesse social e humano, nos limites da realidade nacional: [...] nesse romancista avulta, pela primeira vez nas literaturas de língua portuguesa, o impressionante poder de dar vida e corpo a agrupamentos humanos. [...]

Além disso, tendo pesquisado, á maneira naturalista, tipos, fatos, situações em diferentes circunstâncias e camadas sociais, contou com um material de observação suficiente para dar ao seu romance uma categoria social de indiscutível valor e importância.

Aluísio Azevedo, nos romances, retrata a sociedade de forma impressionista, através das estórias, fica refletida a realidade brasileira, enfatizando a maranhense. Por possuir instinto jornalístico, retira da sociedade tipos patológicos para representar os personagens, mostrando a realidade vivida por esses indivíduos.

2.2 O Preconceito Racial na Obra “O Mulato”

“O Mulato” constitui-se uma obra Naturalista de grande relevância social, no que se refere à denúncia da realidade vivida por personagens discriminados socialmente, devido à cor da pele.

A narrativa se passa na cidade de São Luís, no Maranhão, século XIX, e conta a história do casal Raimundo e Ana Rosa, ele um mulato alto, pele morena e olhos azuis, estudou na Europa e exercia a profissão de advogado, filho do português José Pedro e da escrava Domingas. Ana Rosa uma jovem de vinte anos, pele branca, ingênua e frágil, filha de Manuel Pedro e Mariana.

Raimundo apaixona-se por Ana Rosa, logo que chega da Europa onde estudava, mas esse amor não foi aceito pelo pai da jovem, bem como, pela sociedade maranhense, devido à cor da pele do rapaz.

Diante destas considerações, este trabalho propõe analisar a representação das questões raciais no romance “O Mulato”, romance esse que manifesta a realidade do estado do Maranhão e do Brasil no final do século XIX, mostrando o período da abolição da escravatura e o preconceito existente na época. O autor retrata as pessoas do Maranhão e conseguinte a elite burguesa do final do século XIX, através dos personagens.

Como diz Mérian (1988, p.230):

Através do olhar de Raimundo, é o espírito crítico de Alúcio que transparece. O tédio que reina na burguesia ignorante e medíocre, os preconceitos contra os mulatos, os maus tratos que sofrem os escravos são expostos longamente e os retratos dos personagens são verdadeiras caricaturas.

O romancista dialoga as questões sociais existentes na sociedade maranhense, através dos personagens; Raimundo, Ana Rosa, Brígida, Diogo, Domingas, entre outros, os quais são fundamentais para desenvolvimento do romance.

Diante dos personagens mencionados, Alúcio idealizou o protagonista Raimundo como a representação da mestiçagem. Em alguns trechos do romance, o autor utiliza o personagem Raimundo como pretexto para exteriorizar o que pensa da cidade de São Luís e de seus moradores, bem como, a preocupação em denunciar os tipos de sujeitos, a forma como viviam e pensavam diante dos

acontecimentos. Partindo desta constatação, o personagem principal da obra analisada desponta como figura representativa da sociedade brasileira, sendo assim Aluísio expõe os traços físicos de Raimundo.

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não fossem os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, mas fina. Dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; Estatura alta e elegante; Pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. (AZEVEDO, 2003, p.40).

Raimundo residiu, muitos anos na Europa, tornou-se advogado, mas sempre conservou inquietações sobre sua origem, no intuito de resolver as aflições existentes, voltou para São Luís, no Maranhão. Neste cenário, Raimundo enfrentará uma luta contra a sociedade escravocrata Maranhense.

Em um episódio estavam a conversar o senhor Manuel Pescada e o cônego Diogo, realizavam o discurso de apresentação de Raimundo: “O Mundico! O filho do José, homem! Teu sobrinho! Aquela criança, que seu mano teve da Domingas” (AZEVEDO, 2003, p.28). Através desse discurso fica evidente que o importante não é o homem ou a posição que ele ocupa na sociedade, o importante e o que se evidencia é a origem de sua mãe, isto é, os preconceitos sociais evidenciados “talvez não tanto provocados pela cor do bacharel como pelo fato de ser ele filho de escrava, negra de engenho. Negra que ainda vivia, embora maluca, molambenta, vagando pelo mato”. (FREYRE, 2004, p. 732-733).

Em outro trecho o posicionamento do padre Diogo em relação a Raimundo é extremamente racista.

Ora o quê, homem de Deus! Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que a dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo! Manuel abaixou a cabeça, derrotado. (AZEVEDO, 2003, p. 30)

Ainda analisando a fala do padre Diogo, observou-se no episódio, em que o padre Diogo vai à casa do amigo Manuel Pescada, conversar sobre os motivos da vinda de Raimundo a cidade de São Luís do Maranhão, qual seria o propósito da sua permanência na cidade, Manuel preocupado com a presença do sobrinho em

sua casa, lembrou um desejo de José da Silva, de que Raimundo tornasse padre, neste momento o cônego tomou a palavra dizendo:

Ora, deixe-se disso! Retrucou Diogo, levantando-se com ímpeto. Nós já temos por aí muito padre de cor! Mas, compadre, venha cá, não é isso... Ora o quê, homem de Deus! É só ser padre! É só ser padre! E no fim de contas estão se vendo, as duas por três, superiores mais negros que nossas cozinheiras! [...] O governo deveria devia até tomar uma medida séria a este respeito! Devia proibir aos cabras certos misteres! (AZEVEDO, 2003, p.29)

Dona Maria Bárbara, avó de Ana Rosa, com o falecimento da filha, veio residir na cidade de São Luís, com a incumbência de educar a neta e direcionar os afazeres da casa de seu genro Manuel Pescada, Aluísio ao descrever e classificar Maria Bárbara como sendo figura representativa de muitos, deixando transparecer o quanto a sociedade Maranhense era racista, através do tratamento que a senhora destinava aos negros e escravos, podendo ser evidenciado neste trecho:

Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto: só falava a gritar e, quando se punha a ralar [...] Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia “os sujos” e, quando se referia a um mulato, dizia “o cabra”. Sempre fora assim e, como devota, não havia outra. [...] obrigava a sua escravatura a rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. [...] Quando a filha foi pedida por Manuel Pedro, então principiante no comércio da capital, ela disser: “Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco!” (AZEVEDO, 2003, p.18).

Aluísio Azevedo reflete sobre o negro, o preconceito existente na sociedade e o receio em enfrenta-la, no entanto “o negro no Brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui vem se desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sobre o critério da história social e econômica”. (FREYRE, 2006, p. 404)

Em outro episódio, o narrador relata uma viagem realizada por Raimundo e seu tio Manuel Pedro para a fazenda, na qual Raimundo havia residido durante a infância, o rapaz buscava respostas para suas inquietações sobre sua origem e durante o percurso Raimundo procurava coragem para falar com o tio sobre o amor que sentia por Ana Rosa. Em certo momento resolve falar e pede a mão de Ana

Rosa em casamento, seu tio passa um tempo em silêncio. Raimundo insiste para que responda como pode ser visto no trecho a seguir:

Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava [...] O senhor é um homem de cor! [...] Já vê o amigo que não é por mim que recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! [...] O senhor, porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos! (AZEVEDO, 2003, p.179).

Aluísio Azevedo preocupa-se em denunciar o comportamento da sociedade oitocentista, sociedade esta com fortes características preconceituosas, contudo “deixou-nos em romance verdadeiro “documento humano” recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a técnica realista que foi um dos primeiro a seguir entre nós [...]. (FREYRE, 2004, p. 732).

Segundo Freyre (2004, p. 733) “os preconceitos de branquidade, de sangue limpo quem os tinha mais vivo na família” era a personagem Maria Bárbara, uma vez que em muitos momentos no romance, representa, as senhoras das fazendas de formação ainda colonial, donas de escravos, que se mostravam bastante religiosas, beatas devotas, mas não aceitavam os negros como membros integrantes de suas famílias, desejavam a morte a um casamento com um negro, como podemos constatar na conversa de Maria Bárbara e sua neta, Ana Rosa estava triste, por Raimundo não falar sobre o amor dos dois, pensava em vários motivos para o amado não falar com seu pai, quando nesse momento sua avó diz.

Se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos iluminando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! Deus me perdoe, pelas santíssimas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! [...] E só peço a Deus que me leve, quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé! (AZEVEDO, 2003, p.193).

O autor tenta mostrar, através do romance o quanto esse sentimento preconceituoso estava enraizado na sociedade e por mais educado que Raimundo fosse e tivesse boas intenções para com Ana Rosa, mesmo assim, este romance não era aceito pela sociedade Maranhense. Quando Raimundo descobre que sua

mãe foi uma escrava, então passa a entender o porquê da forte rejeição que as pessoas apresentavam para com ele.

Mulato! Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que, lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: Ora mire-se!; [...] Retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; (AZEVEDO, 2003, p.180).

Dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, esposa de José da Silva, era uma senhora respeitada, rica, de família de tradição, bastante religiosa e com escrúpulos de sangue, a quem “um escravo não era homem, e o fato de não ser branco constituía só por si um crime.” (AZEVEDO, 2003, p.42), havia casado por dois motivos, “precisava de um homem, e ali não havia muito onde escolher, e porque lhe diziam que os portugueses são brancos de primeira água” (AZEVEDO, 2003, p.42). Havia construído uma Capela na fazenda, onde todas as noites os escravos eram levados para realizar pedidos, ordenava castigos cruéis para seus escravos, mas mostrava-se muito devota, como podemos observar nesta cena.

Foi uma fera! A suas mãos, ou por ordem dela, vários escravos sucumbiram ao relho, ao tronco, á fome, á sede e ao ferro em brasa. Mas nunca deixou de ser devota, cheia de superstições; Tinha uma capela na fazenda, onde a escravatura, todas as noites, com as mãos inchadas pelos bolos, ou as costas lanhadas pelo chicote, entoava súplicas á Virgem Santíssima, mãe dos infelizes. Ao lado da capela o cemitério das suas vítimas. (AZEVEDO, 2003, p.42).

Em outra cena, Azevedo descreve com riqueza de detalhes o castigo sofrido pela negra, Domingas, o qual teria sido imposto por Quitéria.

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, á ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura. (AZEVEDO, 2003, p. 43).

Casusa é um personagem que se diferencia dos demais na obra objeto de estudo, um tipo de seus vinte poucos anos, magro, moreno, olhos negros e cabelos encaracolados, gostava de cantar modinhas e tocar violão, sujeito orgulhoso, tinha horror ao dinheiro e era prevenido contra os portugueses, a quem imitava o sotaque.

Um episódio bastante significativo é quando estavam a conversar, Sebastião Campos e Casusa, sobre a recusa de Manuel Pescada em aceitar o casamento de Ana Rosa com Raimundo, discorriam sobre o motivo da rejeição, seria porque Raimundo era mulato, Casusa, disse, se tivesse irmãs preferia vê-las casadas com Raimundo, a outros. Então Sebastião Campos, disse, "não! Lá isso é que não admito!... Preto é preto! Branco é branco! Nada de confusões!". (AZEVEDO, 2003, p. 183). Continuaram a conversar sobre o futuro de Raimundo longe de São Luís, bem como os seus ideais de uma nova república, Sebastião Campos então diz,

Não é ainda para os nossos beijos, repito! Nós não estamos preparados para a república! O povo não tem instrução! É ignorante! É burro! Não conhece os seus direitos! Mas vem cá! Replicou o Casusa,[...] Diz você que o povo não tem instrução; Muito bem! Mas como quer você que o povo seja instruído num país cuja riqueza se baseia na escravidão e com um sistema de governo que tira a sua vida justamente da ignorância das massas? Por tal forma, nunca sairemos deste círculo vicioso! Não haverá república enquanto o povo for ignorante, ora, enquanto o governo for monárquico, conservará, por conveniência própria, a ignorância do povo; Logo nunca haverá república! (AZEVEDO, 2003, p. 184).

Percebe-se, que através das palavras de Casusa, Azevedo faz uma crítica ao regime monárquico, um sistema de governo centralizado, detentor do poder de decisões, além de criticar a escravidão que imperava no século XIX. O preconceito racial está presente na sociedade de forma enraizada, nos vários discursos proferidos pelos indivíduos, com atitude hostil para com os outros. Portanto, existe a

necessidade de combate a essas atitudes, através da denúncia, para que os sujeitos possam conviver de forma harmoniosa uns com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi analisar a representação das questões raciais no romance “O Mulato”, com o intuito de explicitar os diversos contextos, nos quais, eram produzidos esses discursos. Para alcançar o objetivo estabelecido realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, relacionando as concepções teóricas com os vários fatores que influenciaram na construção desses discursos.

Verificou-se, que embora haja denúncias, debates, pesquisas sobre o tema em foco, percebe-se o quanto está distante o comportamento ideal dos indivíduos. Vale ressaltar a contribuição significativa da literatura, no que se refere à busca pela igualdade entre os sujeitos. Dado ao exposto, é notável a relevância do romance objeto de estudo, como integrante de uma literatura engajada, visto que propõe uma reflexão crítica em torno de questões raciais em uma sociedade conservadora.

Dentre os discursos dos personagens analisados, destacam-se principalmente os produzidos pelo pai da personagem Ana Rosa, pelo Padre Diogo, pela avó da protagonista e pela madrasta de Raimundo, como representativos de uma sociedade preconceituosa e escravocrata, entretanto, temos no personagem Casusa um discurso que difere dos demais, pois apresenta uma postura antirracista, quando se refere ao ser humano, uma vez que, o importante para Casusa era o caráter dos indivíduos e não a cor da pele.

É possível perceber também, no discurso do personagem citado acima, que Azevedo estabelece severas críticas ao regime monárquico vigente da época, considerando que este era opressor e centralizado, o qual deixava os indivíduos sem instruções e conseqüentemente, incapazes de tomar decisões, exigir seus direitos e exercer os direitos em uma sociedade conservadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 2003.

BARRETO, Afonso Henriques Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1990.

BARRETO, Fausto; LAET Carlos de. Antologia Nacional. In: SALES, Herberto. **Para Conhecer Melhor Aluísio de Azevedo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

CANDIDO, Antônio; CASTELO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. (História e Antologia). Vol. II: Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora: SENAC, 2001. Vol. I.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global, 2004.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. São Paulo, nº 28, 1988.

MARTINS, Patrícia; LEDO, Terezinha de Oliveira. **Manual de Literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCL, 2001.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

NOGUEIRA, J.C. **Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial Popular** – Série Pensando o Negro em Educação. Florianópolis: Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). 2002.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura brasileira**. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). São Paulo: Nova Froteira, 1973.

SANT'ANA, A. O. História e Conceitos Básicos Sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, K. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

VICENTE, J. A Negritude e a Liberdade In: **Mundo Jovem**: Um Jornal de Ideias, Porto Alegre, nº 412, ano 48, p. 17, 2010.